



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14333 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

EDUCAÇÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Raimunda Gomes da Silva - Universidade Estadual de Roraima

Resumo:

O presente trabalho visa apresentar a experiência de três professoras de programas de pós-graduação em educação distintos e que trabalham com gênero na Região Norte a partir da primeira década de século XXI. Tem como objetivo revisitar as experiências destas docentes a sobre os desafios, possibilidades e possíveis deslocamentos no que diz respeito a formação continuada com abertura para pensar outras identidades. Com base nas narrativas das professoras selecionadas, indaga-se em que medida este debate é acolhido pelos(as) pares nos Programas de Educação destas docentes? Para tanto, utilizou-se como metodologia a história oral articulada com a abordagem de gênero a partir da categoria de análise histórica de Joan Scott. Este estudo faz parte de uma pesquisa maior desenvolvida durante o pós-doutoramento, intitulada “Experiência de professoras nos programas de pós-graduação em educação: gênero formação e deslocamentos (contexto amazônico 1987-2020)”. As narrativas das professoras anunciam certa dificuldade de consolidação desta abordagem, dentre as questões suscitadas as pesquisadoras anunciam falta de compreensão da temática por parte dos pares, os quais apontam dificuldade de lidar com a comunidade universitária mais plural, ou seja, com aqueles(as) que não fazem parte dos padrões normativos da academia.

Palavras-chave: Gênero. Educação. Professoras. Pós-Graduação. Amazônia

INTRODUÇÃO

As discussões e lutas por uma educação para todos(as) sem discriminação está garantida na Constituição de 1988, art. 3º ao estabelecer que se deve “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, 1988). Nesta mesma direção a Lei de Diretrizes e Base de 1996, em seu art.3º, firma o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, além garantir o respeito à liberdade e apreço à tolerância; (BRASIL, 1996). O que significa que as instituições educacionais se constituem de marcos legais de abertura à diversidade social e cultural, bem como o bem-estar, respeito às diferenças e igualdade de oportunidade. Porém, a existência de

instrumentos legais, que interpela formação/educação com abertura para mudanças, com o respeito ao outro numa direção à equidade ainda esteja bem distante. Esta investigação foi focada nas mulheres, particularmente professoras de PPGE que trabalham com gênero, como já citado acima. Entendendo gênero, como uma categoria de análise histórica segundo Scott, 1996, vista como “um elemento construtivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, uma forma primeira de ressignificar as relações de poder” (SCOTT, 1996). A referida autora auxilia revisitar as relações de gênero, questionar a lógica binária contida na proposta de análise relacional a fim de construir outros olhares com abertura para às diferenças no cotidiano da universidade a partir das narrativas das professoras selecionadas, indaga-se que questões elas apontam? Em que medida a educação e as relações flui o debate junto ao programa? Até que ponto a diversidade social e cultural da Amazônia reflete na formação continuada?

METODOLOGIA

A referida pesquisa foi desenvolvida por meio de três instrumentos: levantamento dos programas que registram pesquisadores(as) que trabalham com gênero; aplicação de formulário google forms e história oral por meio de entrevistas semiestruturadas relacionadas a experiências de professoras fundadoras e pesquisadores(as) que trabalham com gênero. Considera-se relevante o uso da metodologia oral articulada à abordagem de gênero pela possibilidade de auxiliar a desvendar “outras mulheres” para além das representações desenhadas por cada uma delas. Neste sentido, a História Oral pode possibilitar descortinar tramas carregadas de emoções (PASSARINI, 2011) e múltiplas relações vivenciadas em seus lugares, que nem sempre seguem uma lógica. Pode-se, também, captar narrativas de experiências de vida comuns, mais livres de fronteiras, revelando práticas alternativas que talvez não fossem possíveis com outra fonte. (PORTELLI, 1997).

Quanto à modalidade de entrevista, optou-se por semiestruturada mediante um roteiro flexivo em forma de trajetória contendo quatro questões centrais. 1. Dados de Identificação; 2. Trajetória de Si; Trajetória Profissional; 3. Processo de construção e implantação do PPGE; 4. Experiência na pós-graduação na Amazônia – significado enquanto profissional e mulher. Durante a fase de entrevista ocorreu um fato peculiar que foi a pandemia. Situação que exigiu reinventar outras práticas de “trabalho de campo”, assim com aguçar mais a sensibilidade, empatia, sentimento de compreensão e solidariedade porque ampliou situações particulares de cada uma: adoecimento e perdas de diferentes formas. Outra questão refere-se ao perfil das colaboradoras da pesquisa que são professoras/pesquisadoras de Programa de Pós-Graduação, as quais têm várias atribuições. Esta pesquisa optou por usar nomes fictícios às entrevistadas para assegurar o anonimato das colaboradoras.

ANÁLISE DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

o conjunto plural de geração de mulheres entrevistadas pode suscitar diferentes significados de suas trajetórias visto que “a identidade é uma construção que se faz com atributos culturais e ela se concretiza pelo conjunto de elementos culturais adquiridos pelo indivíduo através da cultura” (TEDESCHI, 2013), o que significa que são construções históricas, dinâmicas, situacional, relacional e não fixa (SCOTT, 96), (HALL, 2005). Assim, a memória é ressignificada e “está em constante movimento, pois ao mesmo tempo que os sujeitos históricos rememoram, também analisam e reelaboram suas percepções”

(MONTENEGRO, 2010). Desse modo, as narrativas das professoras selecionadas para esta análise configuram a ressignificação de suas experiências, marcas de suas identidades, desafios e possibilidades do fazer educação e relações gênero na pós-graduação.

Abrindo ala para as professoras relatarem as experiências como pesquisadoras de gênero, a primeira com o nome fictício de Michele, natural da região e historiadora diz afirma que já existimos, mas precisa feminizar a educação como sujeito mulher:

Eu penso que hoje nós temos condições, por exemplo, de fazer, de apresentar essa pauta, de apresentar uma reivindicação e ela ser de algum modo, se não agradável, mas pelo menos aceita entre os pares... isso dá uma ideia de que a gente existe. [...] E hoje, hoje a gente já passou dessa fase, hoje a gente já sabe que precisa se colocar, que precisa feminizar, e precisa ter a participação de mulheres na educação.

Nesse sentido, ao ver esperança de concretização das pautas para as mulheres, mas argumenta que as mulheres devem continuar firmem em suas lutas. Tema que Michel observa que nem todas as colegas problematizam as questões de gênero e conquista de espaço para as mulheres, isso para a colaboradora é um problema porque ela é configurada como “a encrenqueira, que reivindica muito”, contudo, percebe que ocorreu avanço e que há muito perspectiva para as mulheres”. Desse modo A reivindicação do existir, de ser ouvida e construtora de possibilidades de formação leva em consideração a atuação destas como sujeito do processo que ainda configura lutas diárias, desde a escrita como inserção como sujeito pensante quanto a construção de novos espaços de gêneros e com autonomia (COLLIN, 2014).

A segunda professora recebeu o nome de Simone é carioca, socióloga e trabalha com diferentes identidades de gênero, mas sinaliza que esta abordagem ainda parece não ter lugar no Programa de pós-graduação em Educação. Ela Recorda um momento em que foi apresentada como pesquisadora de gênero por um colega que expressou: “esses negócios aí de gay, de mulher...esses negócios aí”. Ela complementa que:

(...) eu lembro que teve uma apresentação que foi feita dos professores, aí ... “professor estuda currículo”, “professor fulano estuda História”, “professor fulano estuda aprendizagem”, “professor fulano estuda educação matemática”... “a professora Simone estuda... aí começou a ler... esses negócios aí de gay, de mulher... esses negócios aí” [...]Então “esses negócios aí”, foi sempre como eu fui tratada na universidade, quando eu trabalhava antes né... logo no mestrado, que eu trabalhava com essa questão da sexualidade, educação sexual, era “professora de sexo” ... depois “a professora da mulher” ... depois “a professora desses negócios aí”, (porque é o transgênero, né) ... então, eu sou sempre a estranha, “a professora estranha” aqui... Hoje em dia, eu diria para você que existe muito mais aceitação, (...).

O relato da Professora da Simone demonstra o quanto as questões de gênero ainda não são vistas como uma problemática de educação embora faça parte do cotidiano escolar, da academia, mas por diferentes razões o silêncio, a negação e/ou não reconhecido de pesquisa deste campo manifestada por meio da expressão do colega da referida professora. Inspirada nas categorias de Prática e representações de Chartier, configura: “o modo como em

diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIR, 1995). Neste caso, a forma como o colega representa o campo de pesquisa e formação da referida Professora. Como a própria docente argumenta “eu não diria “desprezo”, porque esse professor é um querido, mas ele não entendia absolutamente como que essas temáticas podiam fazer parte da universidade, fazer parte do curso de mestrado. “A professora Simone ao falar do significado de ser professora na Amazônia demonstra realização, constantes aprendizagens:[...] Então, acho que...ser uma pesquisadora de gênero na Amazônia, é estar disposta e disponível para utilizar, ou se deixar utilizar... teoricamente... eu diria, por esse mundo de questões que não foram analisadas, discutidas, compreendidas ainda. [...] Observa que Simone externa a complexidade de ser pesquisadora na Amazônia no que diz respeito a abertura para estudar e compreender outras experiências que foge do normativa ocidental.

A terceira Professora com o nome também fictício de Caroline é natural do atual estado de Tocantins, o seu relato amplia olhares para Amazônia, para formação de PPGE, diz a colaboradora:

(...) Muito se discute sobre a Amazônia e necessidade de proteger a Amazônia, mas é a partir de uma formação científica qualificada, em especial de pessoas que moram na região, que a gente vai conseguir atingir essa finalidade, [...]reconhece a importância dos saberes locais como o PPGE, elas têm essa possibilidade de contribuir para o desenvolvimento local.

Esse relato anuncia a necessidade de apropriação do potencial da Amazônia, seja por meio de qualificação, reconhecimentos de múltiplos saberes e/ou investimentos nas populações. Isso porque, como pesquisadora de gênero relata sobre os desafios e possibilidades do fazer educação e relações de gênero na academia, pois

[...] é muito legal, que é muito construtivo, que é você ser referência para pessoas que querem estudar aquele tema, ou mesmo para pessoas que pensam, acreditam na possibilidade [...] quando elas enxergam a gente ali, então esse é um aspecto muito bom e que anima para o trabalho [...] mas esse é um tema que a universidade ainda não tomou para si como um importante[...].

Entre desafios e possibilidades, ações afirmativas de gênero, a Professora Caroline, sinaliza importância da comunidade estudantil neste debate, pois, os discentes são os que mais se mobilizam dentro da universidade criando os coletivos, em coletivos feministas, coletivos LGBTs, diversos... eles é o que qualificam essa pauta dentro da universidade, e aí, quem fala do assunto acaba também sofrendo as mesmas violências, porque não é um tema considerado importante institucionalmente.

Ao se revisitar as narrativas das professoras Michele, Simone e Caroline, observa-se práticas e representações que expressam necessidades de mudanças no que diz respeito ao reconhecimento de outras categorias que chegam à universidade ou estão em torno da Amazônia e gênero ainda não é considerado um tema importante nos espaços de atuação. Assim, como Candau (2014) e Albuquerque (2019) anuncia a crise da escola, parece que a universidade também aponta a necessidade de reinvenção. Urgência demonstrado pelas três colaboradoras que também anunciam outros deslocamentos para a educação na Amazônia aberta a outros saberes, outros modos de vida e de fazer educação com igualdade de gênero e respeito as diferenças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa permitiu revisitar o cotidiano da universidade, as relações de poder que em outros momentos foram silenciados, tensões, questionamentos aos discursos hegemônicos, indicação de apropriação do potencial da Amazônia, outros deslocamentos e ações afirmativas, em direção a uma universidade mais inclusivo, com implantação de políticas de igualdade de gênero, dentre outras de caráter afirmativo e intercultural. Urgência demonstrada pelas professoras além de provocar outras reflexões para pós-graduação em direção uma educação com equidade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da história. São Paulo: Intermeios, 2019.

BRASIL. Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Ser Professor hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas. **Educação** (Porto Alegre, impresso, v37, n1, p.33-41, jan./abr.2014. COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais**: a construção histórica do corpo feminino. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014. CAROLINA. **Entrevista Online**. maio de 2022. SILVA, Raimunda Gomes. Virtual, 30 de abril de 2022. HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**, 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. MICHELLE. **Entrevista Online**. SILVA, Raimunda Gomes, abril, 2022. MONTENEGRO, Antonio Torres. História, metodologia, memória. São Paulo: Contexto, 2010. NASCIMENTO, Alcileide Cabral de. Relações de Gênero. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. **Dicionário crítico de gênero**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015. PASSERINI, Luisa. **A memória entre política e emoção**. São Paulo: Letra e Voz, 2011. HARTIER, Roger. A história cultural: entre prática e representações. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. **Projeto História**, São Paulo, 15, Fev, 1997b. Disponível em :<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215> acesso:17/04/2023.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero**: uma categoria de análise histórica. 3, Ed, Recife: SOS CORPO, 1996.

SIMONE. **Entrevista**. SILVA, Raimunda Gomes, abril, 2022.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Os estudos de gênero e os processos de construção da interculturalidade. In: TEDESCHI, Losandro Antonio. **Identities e as narrativas de gênero**: reflexões sobre os processos de construção da interculturalidade (Org). Dourados: editora UFGD, 2013. **Dicionário crítico de gênero**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2013.